

Desejo de não ver: um caso de inibição masculina

Marciela Henckel
Manoel Tosta Berlinck

Um homem de aproximadamente quarenta anos de idade chega para atendimento com a queixa de ejaculação precoce, presente de modo mais ou menos controlado, desde o início de sua atividade sexual. A mesma o conduzia a uma preocupação com a possibilidade de perder a ereção, afetando mais tarde o desejo.

Experimenta freqüentes oscilações de humor, caindo numa “depressão” que lhe custa dias, quando percebe seu cotidiano completamente atravessado por uma inércia. Nos relacionamentos afetivos vivencia freqüentes aproximações e rupturas, substituindo as figuras amorosas num contínuo movimento metonímico, do qual lhe resta a pergunta: existiria a possibilidade de um encontro perfeito?.

M. parece se movimentar num eixo vertical entre o ideal e o fracasso, permanecendo num estado de impotência psíquica que mais nos parece se assemelhar a um empobrecimento do Eu do que de uma inibição que faz supor a evitação de um conflito. É no sentido de desejo de não ver que pensamos e abordamos tal inibição.

Palavras-chave: Sexualidade masculina, inibição, pulsão escópica, objeto pequeno “a”, desejo de não ver

O trabalho que aqui apresentamos compõe-se do fragmento de uma vivência clínica e algumas elaborações que a experiência com situações nas quais predomina uma queixa em torno da atividade sexual tem permitido construir. Nossa pesquisa sobre as disfunções sexuais masculinas desenvolve-se apoiada na noção de inibição, desde uma perspectiva freudiana, de 1925, definida pelo autor como a expressão de uma limitação da função do Eu. Também recebe a influência de outros autores como, por exemplo, Lacan, 1962-1963, quando se dedica a trabalhar o afeto da angústia, e começa definindo a inibição como a detenção do movimento, um estado, uma condição na qual o sujeito realiza o mínimo movimento para o mínimo de dificuldade.

O fenômeno vai ganhando corpo, diferenciando-se das noções de sintoma e de angústia, adquirindo uma especificidade que nos parece importante para precisar certas manifestações psicopatológicas com as quais nos deparamos na clínica. Assim, na nossa pesquisa, por exemplo, foi possível observar o que chamamos “nuances de inibição” e que se referem à condição desejante do sujeito e suas perturbações. Desse trabalho formulamos a diferença entre ter o desejo bloqueado e uma situação em que a própria constituição do desejo encontra-se perturbada.

O caso que aqui apresentamos aproxima-se mais dessa segunda condição e o título “desejo de não ver” se origina da própria formulação lacaniana da inibição, que atravessa o sujeito na dimensão da pulsão escópica. Desdobraremos melhor isso adiante, e agora partimos para uma apresentação de fragmento clínico.

Trata-se de M., que procura atendimento num serviço hospitalar especializado no tratamento e pesquisa sobre sexualidade. Chega com quase quarenta anos de idade, queixando-se de uma diminuição no desejo sexual, que tem como precedente uma ejaculação precoce desde o início de suas atividades sexuais, de modo mais ou menos controlado, e, mais tarde, uma preocupação com a possibilidade de perder a ereção. Após um longo trabalho na instituição chega até mim para psicoterapia individual.

Naquela ocasião sua queixa predomina em torno das suas oscilações de humor que, segundo ele, fazem-no cair no que chama “uma depressão” que lhe custa dias em que se sente completamente afetado por uma inércia.

Os sintomas sexuais, dos quais a falta de desejo tem se colocado como representante maior, fazem figura neste fundo de cenário desértico de onde nada se percebe brotar. A figura ali pode encontrar corpo num ser entorpecido que, na verdade, se sente vazio.

Antes era diferente, diz ele: “Por muito tempo, para mim, fazer sexo era experimentar a sensação de existir, de estar vivo. Era no sexo que eu sentia que estava vivo”.

Com uma história de freqüentes rupturas em diversos relacionamentos parece substituir as figuras amorosas num contínuo movimento metonímico restando, de um lado, uma sensação de perda (abandono) e, de outro, uma pergunta, uma expectativa idealizada de um encontro futuro perfeito.

Das histórias que se foram, um traço de repetição em cada uma delas. M. conta que mal começava um namoro, era afetado por um forte ciúme em relação aos ex-namorados, ex-maridos de suas namoradas. A presença do terceiro se manifestava de diferentes maneiras (sonhos, fantasias), acionando nele um mecanismo de funcionamento de comparação que o deixava aprisionado numa lógica do “ou eu ou o outro”, da qual resultava sua condição de ser insuficiente na relação. M. acabava ficando de fora, excluído.

Tal repetição talvez possa encontrar fundamento na noção de cena primária. Conta que um dia, ainda muito pequeno, brincava em casa sozinho, quando percebeu que seus pais tinham fechado a porta do quarto. Tal atitude lhe chamou atenção, pois não era o seu habitual. Resolveu espiar pelo buraco da fechadura. Recorda, então, a cena que ficou recortada deixando somente visível uma ereção paterna, ao mesmo tempo assustadora e excitante.

Pode tal lembrança - que se fez repetição de ato em seus diversos relacionamentos - ser pensada como uma tentativa de elaborar uma espécie de fixação na cena primitiva? Por que a cada relação retorna para ele a suposta potência daquele que outrora fora homem de sua mulher? O que isso faz retornar do próprio pai ou ainda da mãe nessa mulher desejanse?

“A potência no Outro é miragem de desejo” observa Lacan (1962-1963a), quando está falando da dimensão escópica como uma entre as demais formas que o objeto causa de desejo vai adquirindo. Aqui podemos fazer uma ligação entre o reflexo especular e o respaldo narcísico do autodomínio na relação com o lugar do Outro (p. 332), já que toda imagem especular é autenticada pelo Outro. Se isso de um lado é constituinte, de outro pode conduzir à inibição do desejo, enquanto o sujeito se mantém preso na captura narcísica.

Outro aspecto interessante a destacar do seu caso é por ele mesmo referido com forte tom de autocrítica. Percebe eventualmente perder o desejo sexual e, por conseqüência a ereção, quando certas partes do corpo feminino lhe desagradam: barriga, umbigo, pé... A perturbação que o afeta parece-lhe absurda, pois “detalhes”, com “pouca ou nenhuma relevância”, acabam adquirindo uma dimensão desproporcional. Os fragmentos destacados do corpo da mulher, desse modo, parecem estar no avesso do que se poderia chamar de *fetich*e, pensando-se neste

como um símbolo, algo que pudesse suscitar fantasias, pela sua condição mesma de índice que aponta para alguma coisa desejável que está mais além. Neste sentido - de avesso do fetiche - perguntamos: qual a relação que aqui pode ser feita com a inibição enquanto desejo de não-ver?

Para iniciar uma articulação entre essas questões recorreremos pontualmente à abordagem de Lacan (1962-1963) sobre a noção do objeto pequeno “a”, trazido por ocasião do seu seminário sobre angústia a fim de abordar o processo de constituição do desejo e, aqui para nós, a fim de pensar algo da ordem da perturbação no mesmo.

Quando Lacan fala da constituição do sujeito enquanto ser de desejo, esta é apresentada numa relação de dependência ao Outro que primordialmente pode encontrar uma representação na figura materna. É dessa relação que pode nascer o desejo, enquanto manifestação da falta, bem como dela é possível observar a constituição do que ele vai designar como objeto causa de desejo, representado pelo pequeno “a”. Este se torna um conceito importante na sua obra, permitindo precisar a noção de objeto, retomada inicialmente de Freud enquanto um objeto para sempre perdido, cujo encontro só poderia ser considerado como um reencontro.

A noção de objeto “a” recebe uma forma mais definida tornando-se também importante elemento na maneira de pensar a própria noção de desejo, quando é possível entender tal objeto não como meta a ser alcançada, ou como finalidade do desejo (Lacan, 1962-1963c, p. 343). Sua natureza é definida por uma função de CAUSA de desejo, funcionando como uma espécie de *fetiche*, ao mesmo tempo inapreensível.

No seminário X, *A angústia*, Lacan (1962-1963) dedica nove encontros para abordar as *Cinco Formas do Objeto Pequeno a*. Em um desses encontros fala das cinco etapas da constituição do “a”: oral, anal, fálica, escópica, invocante (supereu). Nesses diferentes níveis, o objeto adere a si mesmo como objeto “a”. Ou seja, ele se manifesta sob diversas formas, como seio, excremento, por exemplo, mantendo a mesma função (Lacan, 1962-1963a, p. 321). Isso quer dizer que esses objetos não são a realização do desejo, mas o colocam em movimento, instaurando desde sua parcialidade uma condição para o sujeito no qual a falta de um objeto ideal, perfeito, se inscreve. Ou seja, a constituição do objeto “a” resulta na função de apontar para a condição de falta de um objeto. Em cada um desses níveis a relação do sujeito com o Outro tem uma peculiaridade.

A etapa escópica se caracteriza por dois aspectos: primeiro, o objeto “a” adquire a forma da imagem, ou seja, ocorre uma identificação com a imagem especular. Essa experiência especular é autenticada pelo Outro, ou seja, é sempre por intermédio do Outro que se pode conceber a relação entre o sujeito e seu semelhante. O segundo aspecto refere-se à peculiaridade que o Outro adquire nessa dimensão. Aqui se destaca a potência – potência no Outro –, que não passa de miragem do poder, do desejo.

Assim, o que caracteriza esse estágio é que a relação com o desejo fica ligada com a categoria da potência, característica desse estágio. Neste sentido, Lacan (1962-1963d) observa que “no que é a forma dominante de toda posse, a posse contemplativa, o sujeito está condenado a desconhecer que essa é apenas uma miragem de potência” (p. 318).

Quando esse Outro se torna potente em todos os lugares ao mesmo tempo, temos a onipotência, fazendo com que o sujeito fique aprisionado no campo do ideal, onde o ideal do eu assume a forma do todo-poderoso. Nesse contexto torna-se difícil a simbolização do próprio desejo, pois não há lugar para a falta, erguendo-se a fantasia de onipotência.

Nesta situação o objeto “a” é mais mascarado, diz Lacan (1962-1963e), permanecendo o sujeito numa condição de desconhecimento, de alienação em relação à estrutura do desejo (p. 353). De outro modo, perguntamos se tal peculiaridade do Outro, onipotente, não poderia levar, ao contrário, a uma condição de objeto em seu estado mais obscuro? Neste sentido, diferente de “mascarado”, na qualidade de obscuro, sem véu, como funcionar enquanto *causa* de desejo? E, finalmente, não seria justamente por tal condição – de obscenidade – que o sujeito se manifestaria no desvio do olhar?

Observamos na neurose obsessiva uma organização subjetiva que permite pensar a complexidade da relação do sujeito com a questão do desejo. Para o obsessivo o desejo se mantém na condição de impossível, pois faça o que fizer nunca chegará ao fim de sua busca de satisfação. Assim, ao mesmo tempo, evita o confronto com a castração, ou seja, com sua condição faltante. Ele permanece na procura, na busca do objeto, numa tentativa de reencontrar o momento primitivo, a *causa* autêntica de todo processo do desejo: “...ele continua na busca do objeto, com seus tempos de suspensão, caminhos errados, pistas falsas e suas derivações laterais, que fazem com que esta busca gire indefinidamente” (1962-1963c, p. 347).

De certo modo há algo semelhante em M. quando vivencia diferentes relacionamentos num freqüente movimento metonímico, ou seja, uma procura pela “mulher perfeita”, como diz, que não acaba. Só lhe resta ir substituindo.

Há uma espécie de amor idealizado que entra em jogo. Pergunta Lacan (1962-1963c): “Qual é a chave desse enigma, enigma da função dada ao Outro – à mulher, no caso –, que faz dela esse objeto enaltecido...?”. O que isso representa de negação de seu desejo? (p. 350)

O que o distingue do amor erotomaníaco? (p. 350)

Prevalece no sujeito uma prudência, típica no obsessivo, mas essencialmente da condição humana, de evitação do olhar: “o sujeito prefere nem sequer olhar” (p. 350).

Eis o *desejo de não ver*.

Quando aborda as fórmulas do desejo, em (1957-1958), Lacan recorda uma máxima de *La Rochefoucauld* acerca das coisas para as quais não podemos olhar

fixamente, como o sol e a morte. Observa então que “...existem na análise coisas assim. É muito curioso que seja justamente para o ponto central da análise que olhemos cada vez mais obliquamente, e de uma distância cada vez maior. O complexo de castração é uma dessas coisas” (p. 316).

No esquema escópico, as referências às noções de inibição, sintoma e angústia, permitem colocar no lugar da inibição o *desejo de não ver*. É aqui que o desejo se encontra em seu caráter mais alienado. Isso ocorre como uma forma de defesa do próprio desejo que seria precipitador de uma angustiante insuportável. A inibição funciona, assim, como uma forma de evitação da angústia. Aqui não é preciso arrancar os olhos para não ver, como faz Édipo, pois se tem olhos para não ver. Eis a comédia do drama humano.

O que funciona como anteparo à angústia, à ameaça de castração, também promete evitar o confronto com o excitante e horroroso desejo.

Para finalizar, um breve retorno ao caso.

Dois aspectos se destacam da posição de M.: a imagem e o ideal. Uma lógica tipicamente imaginária, paralisando-o num funcionamento especular, no qual o outro semelhante devolve para ele sua condição de impotência (mensagem invertida). Fixado na própria cena primária, da qual permanece excluído, contempla o desejo do outro condicionado a um Outro onipotente, aqui, no caso, a mulher, perfeita, idealizada. Por fim, resta uma perturbação que se atravessa quando a mulher idealizada se torna desejante e, então, infiel, como a mãe se tornou, para quem ele não se manteve como único e suficiente objeto de amor.

M. parece se movimentar num eixo vertical entre o ideal e o fracasso, fazendo com que permaneça num estado de impotência psíquica que mais nos parece se assemelhar a um empobrecimento do Eu do que de uma inibição que faz supor a evitação de um conflito. Neste contexto, o que era desejo de não ver parece conduzir cada vez mais o sujeito ao desejo de não desejar. Mas isso deixaremos para um próximo momento.

Referências

FREUD, S. (1926 [1925]). Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XX, p. 95-180.

_____. (1926 [1925]). Inibição, sintoma e angústia. Trad. Luís Fernando Lofrano de Oliveira, Max de Araújo Götze e Sofia Schneider. Associação Psicanalítica de Porto Alegre: Edição não comercial, p. 1-84.

LACAN, J. (1957-1958). As fórmulas do desejo. In: *O seminário, livro V: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 314-329.

_____. (1962-1963a). Do anal ao ideal. In: *O seminário, livro X: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 320-336.

_____. (1962-1963b). Do cosmo à Unheimlichkeit. In: *O seminário, livro X: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 38-52.

_____. (1962-1963c). De um círculo irreduzível ao ponto. In: *O Seminário, livro X: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 337-351.

_____. (1962-1963d). A torneira de Piaget. In: *O Seminário, livro X: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 304-319.

_____. (1962-1963e). Do a aos Nomes-do-Pai. In: *Seminário, livro X: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 352-366.

Resumos

Un hombre de aproximadamente cuarenta años de edad llega para ser atendido quejándose de eyaculación precoz, presente de modo más o menos controlado, desde el inicio de su actividad sexual. La misma lo condujo a una preocupación en perder la erección afectando más tarde también el deseo.

Experimenta frecuentes oscilaciones de humor, cayendo en depresiones que le cuestan días, en las cuales percibe su cotidiano completamente atravesado por la inercia. En las relaciones afectivas vivencia frecuentes aproximaciones y rupturas, sustituyendo las figuras amorosas en un continuo movimiento metonímico de lo cual le queda la pregunta de si existiría la posibilidad de un encuentro perfecto.

M parece moverse en un eje vertical entre el ideal y el fracaso, permaneciendo en un estado de impotencia psíquica que más nos parece asemejarse a un empobrecimiento del yo de lo que una inhibición que hace suponer la evitación de un conflicto. Es en el sentido de deseo de no ver que pensamos y abordamos tal inhibición.

Palabras claves: sexualidad masculina, inhibición, pulsión escópica, objeto a, deseo de no ver.

Un homme d'une quarantaine d'années se présente à la consultation dû à un problème d'éjaculation précoce qui se manifeste de façon plus ou moins contrôlée depuis le début de son activité sexuelle. Celle-ci était à l'origine de son souci de

pouvoir perdre son érection, ce qui pourrait ultérieurement affecter son désir.

Il souffre de changements d'humeurs fréquents et de «dépression» qui dure souvent plusieurs jours; ceux-ci sont entièrement marqués par un état d'inertie.

Ses rapports affectifs se caractérisent par de fréquents rapprochements et ruptures; il substitue ainsi les figures amoureuses dans un mouvement métonymique continu duquel lui reste uniquement la question s'il existerait la possibilité d'une rencontre parfaite.

M. paraît se déplacer sur un axe vertical entre l'idéal et le fracàs et se retrouve ainsi dans un état d'impuissance psychique qui nous paraît plutôt ressembler à un appauvrissement du Moi qu'à une inhibition qui mènerait à supposer l'évitement d'un conflit. C'est dans le sens du désir de ne pas voir que nous pensons et abordons cette inhibition.

Mots clés: sexualité masculine, inhibition, pulsion scopique, objet petit «a», désir de ne pas voir.

Desiring not to see: a case of male inhibition

A man about age forty arrives at a public health clinic complaining of premature ejaculation, a problem he has had in a more or less controlled way ever since his first sexual experiences. This situation leads him to be concerned with the possibility of losing his erection and, eventually, his entire sex drive.

This patient goes through frequent oscillations of humor, sometimes falling into a "depression" that causes him to whittle away days on end as he sees his everyday life completely blocked by inertia. His affective life consists of frequent approximations followed by separations, thus constantly replacing one partner with another in a constant metonymic movement. The question that remains for him is whether it is really possible to find a perfect loving relationship.

The patient seems to move back and forth vertically between an ideal partner and complete failure, remaining in a permanent state of psychic impotence that seems more like an impoverishment of the ego than an inhibition that would lead one to suppose the avoidance of a conflict. We see this inhibition as a desire not to see and deal with in this light.

Key words: male sexuality, inhibition, scopic drive, *petit objet "a,"* desire not to see.

Versão inicial recebida em julho de 2008

Versão aprovada para publicação em outubro de 2008

MARCIELA HENCKEL

Psicóloga, psicanalista, mestre em psicologia clínica pela PUC-SP, membro do Laboratório de Psicopatologia Fundamental onde realiza o doutorado sob orientação do Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck, na PUC-SP, com pesquisa apoiada pela Fapesp - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Rua Cardoso de Almeida, 650/apto33 – Perdizes
05013-000, São Paulo, SP, Brasil
e-mail: marciela@br.inter.net

MANOEL TOSTA BERLINCK

Sociólogo, psicanalista, Ph.D. pela Cornell University, professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, onde dirige o Laboratório de Psicopatologia Fundamental (São Paulo, SP, Brasil); presidente da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (São Paulo, SP, Brasil); editor responsável de Pulsional Revista de Psicanálise e da Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental; diretor da Editora Escuta e da Livraria Pulsional – Centro de Psicanálise; autor de *Psicopatologia Fundamental* (São Paulo: Escuta), entre outros.

Rua Tupi, 397/103
01233-001 São Paulo, SP, Brasil
Telefax: (11)3825-8573
e-mail: mtberlin@uol.com.br